

18-02-2025

**Mais um herói ou a próxima dança?****John Carlos Alves Ribeiro**

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Nada, no humano, escapa à política. As relações humanas, fundamentalmente políticas, são o cimento que nos une socialmente, que nos faz sociedade, que constitui as regras de convivência social, ao estabelecer e fazer cumpri-las, ou ao transformar o necessário para a superação do passado e a mirada de algum futuro. Estar vivo, para o humano, é constituir-se politicamente. Abordar esse tema me ocorreu ao observar as muitas reviravoltas que a política brasileira nos apresenta. Tivemos, nos últimos anos, um humorista eleito como o deputado mais votado do maior e mais rico estado do país. Tivemos um presidente eleito com discursos de ódio, defendendo torturador, com falas misóginas, profascista, negacionista da ciência, sem nenhum preparo, mesmo acumulando 27 anos de câmara dos deputados. Tivemos algumas figuras muito jovens da direita radical ocupando espaço político importante. Todavia, nada disso me assusta mais do que a última notícia das páginas de política. Um cantor sertanejo famoso se lançou como pré-candidato à presidência alegando ter sido escolhido por Deus. Pois é, caro leitor! Segundo o artista, Deus fez questão de comparecer ao hospital de luxo em que o cantor se tratava de uma infecção gastrointestinal, para pedir-lhe que se candidatasse sob a responsabilidade de salvar o Brasil. Sim, meus amigos, mais um herói. Mais um se propondo a salvar a pátria, literalmente. Acontece que dentre todos os que o prometeram, todos, absolutamente todos, o fizeram para, apenas, atingir o seu objetivo político pessoal: a vitória no pleito. Ao chegar ao poder, as receitas e fórmulas, que todos já possuíam e as tinham de cor, não se aplicavam de fato à realidade. Ao que me parece, ou as fórmulas eram falsas, ou a visão dessas figuras sobre a realidade eram turvas demais. Ou ambas as opções, que é o que acredito. Observando atentamente o que se passa, como já o fazia na minha juventude, percebo que no jogo social, nem sempre é preciso saber de tudo, mas é preciso saber parecer ter o domínio sobre o que se exige que você saiba, para o momento em que lhe for exigido. Esclareço. Eu, aos 17 anos de idade, nos bailes, bem arrumado e ainda com cabelo, ao chegar em uma moça e convidá-la para dançar, deveria demonstrar a confiança de quem, deveras, percorre o salão com destreza e elegância. Convencida a parceira, era não errar muito - nada de pisões (pisadas) nos pés -, alguma boa conversa aos ouvidos, sorrisos e agradecimentos. Isso feito, a reeleição estaria garantida. Tal conduta poderia me levar a dançar mais vezes, inclusive com outras damas das festas. Evitar o erro e ser coeso na dança era mais importante que dar espetáculo. Em razão disso, aprendi a prometer pouco para entregar o suficiente. Entretanto, no jogo da política oficial, as regras parecem ser bem diferentes. A eleição e a possibilidade de eleição não passam, expressamente, pela condução correta, coesa ou coerente. Passa, quase exclusivamente, pela lógica de quem fala mais alto ou de quem se impõe mais pela aparência.

Sendo assim, não se faz mais necessário entregar o prometido. E nem sei se na política já o foi. Importa mais fazer mais promessas. Aos mais variados grupos. E fazê-las da maneira que o grupo deseja ou aparenta desejar. Ou seja, cabe falar de Deus e família mesmo não sendo um exemplar exímio nem de religioso, nem de pai e marido perfeito da família padrão (a nuclear burguesa). Cabe também gritar ao mundo impropérios, dignos de um homem forte, de pulso firme, mas que, ao primeiro desafio real, o líder forte não se faça presente como o esperavam seus *minions* ensandecidos. Outro ponto que tenho percebido, a partir do método de observação que desenvolvi ao longo da vida é que, apesar das loucuras da política, ou seja, das aberrações que a democracia representativa nos coloca, nada é imutável. Mesmo com as muitas contradições e incoerências discursivas por toda parte, tudo ocorre politicamente e passa. A mudança é a tônica da vida e como não é possível viver apoliticamente, na política também tudo muda a todo momento. Não à toa os muitos avanços e recuos de pensamentos progressistas e liberais. Momentos mais à esquerda e mais à direita. Mas, voltando aos bailes e festas, lá foi preciso aprender a dançar conforme à música. Acho que precisamos fazer o mesmo no cenário político.

Para encaminhar o encerramento dessa crônica, amigo leitor, resgato a fala do humorista a que me referi no início. Pelo meu ponto de vista ele conseguiu fazer uma premonição às avessas. No pleito de 2010, seu *slogan* de campanha a deputado estadual por São Paulo era: “*vote em Tiririca, pior que está, não fica.*” Pois bem! Não só piorou muito com ele lá, como a coisa seguiu piorando desde então. E do ano passado para cá tivemos que aturar Pablo Marçal e sua verborragia; Datena e sua cadeirada; e Gustavo Lima que, no alto de uma “caganeira”, recebe de Deus a missão de presidir o país. Como diria o Faustão, com seu jargão eternizado nas tardes de domingo: *é brincadeira, meu!* Aprendi a dançar e a flertar observando atentamente a forma como as pessoas se comportam em ambientes específicos. Aprendi também o dialeto da quebrada, para lá sobreviver sem susto. Aprendi a linguagem dos boleiros, para ser respeitado nos gramados e quadras da vida. Aprendi a me portar perante os acadêmicos, falando ou escrevendo. Mas preciso confessar, no jogo político atual me vejo perdido no salão. Parece que cada um ouve a música que quer, faz os seus próprios passos, e quem aparece mais (ou seja, faz mais loucuras ou dá mais bobadeiras) mais chances tem de se dar bem. A esquizofrenia tomou conta da política? Não sei ao certo. Mas uma coisa eu posso afirmar, com o sistema da chantagem oficializada com as emendas impositivas, seja do congresso ao governo ou dos candidatos aos eleitores (hoje os políticos seguem em campanha ao longo de todo o mandato, prometendo e, às vezes, entregando recursos diretamente a quem lhes interessa), quem dança de verdade é o cidadão comum. Dança porque não tem acesso diretamente ao dinheiro das emendas. Dança porque fica entre a cruz e a espada, amarrado ao candidato que promete dinheiro para sua cidade e ao presidente que promete, heroicamente, salvar a pátria. E fica perdido nesse jogo porque, mesmo quando ambos estão do mesmo lado, os candidatos a presidente ou aos cargos do legislativo estadual e federal (mesmos partidos ou federações), a música que cada um ouve é só sua e o faz dar os passos que interessam ao seu próprio projeto de poder.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.